

ESTRATÉGIAS DA ENFERMAGEM PARA O MANEJO DA DOR EM PACIENTES COM DOENÇAS CRÔNICAS

NURSING STRATEGIES FOR PAIN MANAGEMENT IN PATIENTS WITH CHRONIC DISEASES

Camilia Meury Albino da Silva¹

Centro Universitário Santo Agostinho - Piauí
camilameuryalbino@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2574-2073>

Joelina da Silva Miranda,²

Faculdade Pitágoras – São Luís/MA
jsilviamiranda@yahoo.com.br

RESUMO O manejo da dor em pacientes com doenças crônicas representa um desafio complexo para os profissionais de saúde, exigindo uma abordagem multidimensional e integrada. As estratégias da enfermagem desempenham um papel importantíssimo neste processo, abrangendo tanto intervenções farmacológicas quanto não-farmacológicas. Desta maneira o objetivo deste estudo é explorar e discutir as estratégias da enfermagem para o manejo da dor em pacientes com doenças crônicas. De modo que as estratégias de enfermagem para o manejo da dor crônica envolvem uma abordagem multidimensional que inclui a avaliação contínua da dor, a administração de medicamentos e a incorporação de técnicas não-farmacológicas. A avaliação precisa da dor é fundamental para ajustar as intervenções e garantir um alívio adequado. Os enfermeiros devem usar ferramentas de avaliação como escalas numéricas e questionários para monitorar a dor e adaptar o tratamento. A administração de medicamentos requer um conhecimento detalhado sobre as opções disponíveis, seus efeitos e potenciais interações, garantindo um uso seguro e eficaz. O manejo da dor crônica em pacientes com doenças crônicas exige uma abordagem abrangente e colaborativa envolvendo tanto práticas farmacológicas quanto não-farmacológicas, além da educação e do suporte ao paciente. A avaliação contínua da dor permite ajustes no plano de tratamento para maximizar o alívio e minimizar os efeitos colaterais. Técnicas de autocuidado e suporte emocional são fundamentais para melhorar a qualidade de vida e a adesão ao tratamento. A colaboração com outros profissionais de saúde assegura um cuidado integrado e eficiente. O compromisso dos enfermeiros com essas estratégias é essencial para proporcionar um manejo da dor mais eficaz e centrado no paciente.

Palavras-chave: Dor; Abordagem, Tecnicas; Enfermagem; Singularidade

¹ Graduanda em Enfermagem pelo Centro Universitário Santo Agostinho - Piauí

² Graduada em Psicologia pela Faculdade Pitágoras – São Luís - Ma

ABSTRACT Pain management in patients with chronic diseases represents a complex challenge for healthcare professionals, requiring a multidimensional and integrated approach. Nursing strategies play a very important role in this process, covering both pharmacological and non-pharmacological interventions. Therefore, the objective of this study is to explore and discuss nursing strategies for managing pain in patients with chronic diseases. Therefore, nursing strategies for managing chronic pain involve a multidimensional approach that includes continuous pain assessment, medication administration and the incorporation of non-pharmacological techniques. Accurate pain assessment is essential to adjust interventions and ensure adequate pain relief. Nurses should use assessment tools such as numerical scales and questionnaires to monitor pain and adapt treatment. Medication administration requires detailed knowledge of the available options, their effects and potential interactions, ensuring safe and effective use. Chronic pain management in patients with chronic illnesses requires a comprehensive and collaborative approach involving both pharmacological and non-pharmacological practices, as well as patient education and support. Continuous assessment of pain allows for adjustments to the treatment plan to maximize relief and minimize side effects. Self-care and emotional support techniques are fundamental to improving quality of life and adherence to treatment. Collaboration with other healthcare professionals ensures integrated and efficient care. Nurses' commitment to these strategies is essential to provide more effective and patient-centered pain management.

Keywords: Pain; Approach, Techniques; Nursing; Singularity

INTRODUÇÃO

A dor crônica é uma condição complexa que afeta milhões de pessoas em todo o mundo, impactando significativamente a qualidade de vida e o bem-estar dos pacientes (Perez *et al.*, 2024). Caracterizada por sua persistência além do tempo normal de cura, a dor crônica pode resultar de diversas condições subjacentes, como artrite, fibromialgia e neuropatia (Ribeiro, 2022). O manejo adequado dessa dor é essencial para melhorar os resultados clínicos e a qualidade de vida dos pacientes. Nesse contexto, a enfermagem desempenha um papel de implementar estratégias eficazes para avaliar e tratar a dor de forma holística e centrada no paciente.

As estratégias de enfermagem para o manejo da dor em pacientes com doenças crônicas envolvem uma abordagem multidimensional, que inclui avaliação contínua, intervenções farmacológicas e não farmacológicas, e educação do paciente (Perez *et al.*, 2024). A avaliação da dor é um componente fundamental, permitindo que os enfermeiros identifiquem a intensidade, localização e características da dor, bem como os fatores que a exacerbam ou aliviam (Lopes, 2022). Ferramentas de avaliação padronizadas, como escalas de dor, são frequentemente utilizadas para obter uma compreensão precisa da experiência do paciente.

Além das intervenções farmacológicas, como a administração de analgésicos, as estratégias de enfermagem incluem uma variedade de métodos não farmacológicos para o alívio da dor. Os enfermeiros estão em uma posição única para adaptar essas intervenções às necessidades individuais dos pacientes, promovendo um manejo da dor mais personalizado e eficaz (Caneiro, 2024).

A educação do paciente e o apoio psicológico são componentes essenciais das estratégias de enfermagem no manejo da dor crônica. Ao fornecer informações sobre a natureza da dor crônica, opções de tratamento e técnicas de autocuidado, os enfermeiros capacitam os pacientes a desempenharem um papel ativo em seu próprio cuidado (Ribeiro, 2022). Além disso, o apoio emocional e o desenvolvimento de uma relação de confiança entre o paciente e o enfermeiro são fundamentais para o sucesso do tratamento. Através de uma abordagem compassiva e informada, os enfermeiros podem ajudar a reduzir o impacto negativo da dor crônica na vida dos pacientes, promovendo uma melhor qualidade de vida e bem-estar geral.

MÉTODOS

A metodologia empregada neste artigo de revisão de bibliográfica qualitativo. A busca por artigos foi realizada nas bases de dados *Scielo*, Google Acadêmico, utilizando as palavras-chave "Manejo da dor" e "Terapias não farmacológicas e farmacológicas". Este enfoque visou analisar uma ampla gama de intervenções, refletindo a natureza multidimensional do manejo da dor em viés de terapias farmacológicas e não farmacológica.

Para garantir a relevância e a qualidade das informações, a seleção dos artigos foi restrita a publicações completas em Português. Foram incluídos estudos que mais se aproximaram a temática, com foco nos últimos cinco anos (2019-2024). Esta janela temporal foi escolhida para assegurar a inclusão das evidências mais recentes e relevantes sobre as terapias disponíveis.

O processo de seleção foi conduzido em duas etapas: inicialmente, foi realizada uma triagem com base em títulos e resumos para identificar estudos potencialmente pertinentes. Os artigos selecionados nesta fase foram posteriormente analisados na íntegra para garantir que atendiam aos critérios estabelecidos. Foram aplicados critérios de exclusão para remover estudos que não correspondessem aos tipos de pesquisa definidos, que não abordassem diretamente terapias para dores crônicas, ou que não estivessem integralmente disponíveis em Português.

A extração de dados envolveu a coleta de informações essenciais sobre as terapias farmacológicas e não-farmacológicas, desfechos avaliados e principais resultados de cada estudo. Esses dados foram analisados e sintetizados para fornecer uma visão abrangente e atualizada das estratégias utilizadas no manejo da dor. Esta abordagem metodológica visa contribuir para a compreensão dos avanços recentes e da eficácia das terapias clínicas adotadas no tratamento desta condição complexa e dolorosa.

RESULTADOS

Compreendendo a dor crônica

A dor crônica é uma condição que afeta aproximadamente um terço da população mundial, representando um desafio significativo tanto para os profissionais de saúde quanto para os pacientes (Aguiar *et al.*, 2021). Segundo Dos Santos Kanematsu *et al.*, (2022) Afirma que diferentemente a dor aguda, que serve como um mecanismo de alerta para lesões ou doenças subjacentes, a dor crônica persiste por mais de três meses e muitas vezes não possui uma causa identificável. De acordo com o autor esse tipo de dor pode ser debilitante, afetando a capacidade funcional, o bem-estar emocional e a qualidade de vida dos indivíduos. Deste modo compreender a dor crônica como uma condição multidimensional é importante para desenvolver estratégias de manejo eficazes e holísticas.

A natureza multidimensional da dor crônica envolve aspectos físicos, emocionais e sociais. De acordo com De Paula Prudente *et al.*, (2020) fisicamente, a dor crônica pode resultar de condições médicas como artrite, neuropatia, fibromialgia e câncer, entre outras. Esses problemas de saúde podem causar alterações no sistema nervoso, levando à sensibilização central e à amplificação da dor. No entanto, a dor crônica não é apenas uma resposta física; ela também está intimamente ligada a fatores emocionais.

Pacientes com dor crônica frequentemente enfrentam isolamento social, perda de produtividade e dificuldades em manter relacionamentos pessoais e profissionais (Miotto *et al.*, 2022). Ainda de acordo com o autor o impacto na vida social pode levar ao sentimento de solidão e ao aumento do sofrimento emocional. Além disso, a percepção da dor pode ser influenciada por fatores culturais, crenças pessoais e experiências passadas, tornando o manejo da dor uma tarefa complexa e individualizada. A abordagem multidimensional da dor crônica requer a colaboração de diversos profissionais de saúde, incluindo médicos, enfermeiros, psicólogos e fisioterapeutas (Do Nascimento, Do Nascimento, 2020).

O manejo eficaz da dor crônica envolve uma combinação de abordagens farmacológicas e não farmacológicas (Perez *et al.*, 2024). A farmacoterapia pode incluir analgésicos, antidepressivos e anticonvulsivantes, que ajudam a controlar a dor e a melhorar a qualidade de vida (Guerini, Oliveira, Reis, 2022). No entanto, esses medicamentos em algumas ocasiões não são suficientes e podem ter efeitos colaterais indesejados. Integrar abordagens não farmacológicas (Exercícios, acupuntura, massoterapia) podem proporcionar um alívio significativo para os pacientes.

Compreender a dor crônica como um desafio multidimensional exige uma abordagem holística e centrada no paciente. Isso envolve reconhecer e abordar os diversos fatores que contribuem para a experiência da dor, desde os aspectos físicos e emocionais até os sociais e culturais (De Paula Prudente *et al.*, 2020). A colaboração interdisciplinar entre os profissionais de saúde, o envolvimento ativo dos pacientes no processo de cuidado e o desenvolvimento de estratégias de manejo personalizadas são fundamentais para melhorar os resultados e a qualidade de vida dos indivíduos que vivem com dor crônica. Ao adotar uma visão ampla e integrada, é possível enfrentar os desafios complexos da dor crônica e promover um bem-estar mais completo e duradouro para os pacientes (Guerini, Oliveira, Reis, 2022).

Estratégias de Avaliação da Dor

A dor é uma experiência subjetiva e complexa que pode variar significativamente de um paciente para outro, tornando essencial uma abordagem abrangente e personalizada para sua avaliação (Hahn, Cordeiro, 2020). Segundo Rabelo Figueredo, Amaral, Carmo, (2020) a compreensão detalhada da dor, incluindo sua intensidade, localização, duração e impacto na qualidade de vida, sendo assim fundamental desenvolver um plano de tratamento eficaz. As estratégias de avaliação da dor envolvem a utilização de diversas ferramentas, protocolos e técnicas que permitem aos profissionais de saúde obter uma imagem clara e precisa da experiência do paciente (Ratto, 2019).

Uma das ferramentas mais comuns para a avaliação da dor é a Escala Numérica de Dor, onde os pacientes são solicitados a classificar sua dor em uma escala de 0 a 10 (Rabelo Figueredo, Amaral, Carmo, 2022). Para Hora e Alves (2020) embora as escalas sejam simples e fáceis de usar, oferecem uma visão valiosa da intensidade da dor percebida pelo paciente, ainda segundo autor, relata que existe outra ferramenta amplamente utilizada é a Escala Visual Analógica (EVA), que consiste em uma linha reta onde os extremos representam "nenhuma dor" e "a pior dor possível", e o paciente marca um ponto na linha que representa a intensidade da dor que está sentindo. Ambas as escalas são úteis para monitorar as mudanças na dor ao longo do tempo e avaliar a eficácia das intervenções de tratamento.

Além das escalas numéricas e visuais, a avaliação da dor deve incluir uma abordagem multidimensional que considere aspectos qualitativos da experiência da dor (Rabelo Figueredo, Amaral, Carmo, 2022). O Questionário de Dor, por exemplo, permite que os pacientes descrevam a qualidade da dor utilizando uma lista de descritores sensoriais e afetivos (Hora, Alves, 2020). Isso ajuda os profissionais de saúde a entender melhor a natureza da dor e identificar possíveis causas

subjacentes. A avaliação multidimensional também pode incluir questionários sobre o impacto da dor na funcionalidade diária, no sono e no bem-estar emocional, proporcionando uma visão mais completa do impacto da dor na vida do paciente.

Segundo Silva (2021) a entrevista clínica é uma parte essencial da avaliação da dor, permitindo que os profissionais de saúde obtenham informações detalhadas sobre a história da dor do paciente, incluindo fatores desencadeantes, fatores de alívio e padrões de dor. De acordo com (Da Silva Oliveira, De Araujo Roque, Dos Santos Maia, 2019) durante a entrevista, é importante criar um ambiente de confiança e empatia, onde o paciente se sinta à vontade para compartilhar suas experiências. A comunicação eficaz entre o paciente e o profissional de saúde é fundamental para garantir uma avaliação precisa e para que o paciente se sinta ouvido e compreendido.

Para Sampaio *et al.*, (2019) existe uma população em específico, como crianças, idosos e pessoas com dificuldades de comunicação, essas estratégias de avaliação da dor precisam ser adaptadas. Em crianças, por exemplo, podem ser utilizadas escalas de faces, onde diferentes expressões faciais representam diferentes níveis de dor (Hora, Alves, 2020). Em idosos com comprometimento cognitivo, a observação de comportamentos como agitação, expressões faciais de desconforto e mudanças nos padrões de sono pode ser crucial para a avaliação da dor (Andrade, 2019). Utilizar abordagens personalizadas para essas populações garante uma avaliação mais precisa e um manejo mais eficaz da dor.

Manter registros detalhados das avaliações de dor e das intervenções realizadas permite que os profissionais de saúde monitorem a progressão da dor e a eficácia dos tratamentos ao longo do tempo (Silva, 2021). Isso também facilita a comunicação entre os membros da equipe de saúde, garantindo uma abordagem coordenada e consistente para o manejo da dor. A avaliação contínua e a documentação são elementos essenciais para ajustar as estratégias de tratamento conforme necessário e para fornecer um cuidado de alta qualidade centrado no paciente.

Terapias Farmacológicas e Abordagens Não-Farmacológicas

A escolha adequada dos medicamentos, suas dosagens e a monitorização dos efeitos colaterais são essenciais para proporcionar alívio da dor sem comprometer a qualidade de vida dos pacientes (Teles *et al.*, 2022). Este equilíbrio é decisivo para garantir que os pacientes obtenham o máximo benefício terapêutico enquanto minimizam os riscos associados ao uso prolongado de analgésicos.

Os analgésicos são a base do tratamento farmacológico da dor e podem ser classificados em várias categorias, incluindo analgésicos não opioides, opioides e adjuvantes (Aragão, Tobias, 2019).

Os analgésicos não opioides, como o paracetamol e os anti-inflamatórios não esteroides (AINEs), são frequentemente utilizados como primeira linha de tratamento para dor leve a moderada (Vilela, Mathias, 2023). Esses medicamentos são eficazes para muitos tipos de dor e possuem um perfil de segurança relativamente favorável quando usados de forma apropriada. No entanto, o uso prolongado de AINEs pode estar associado a efeitos colaterais gastrointestinais, renais e cardiovasculares, destacando a importância da monitorização contínua (Aragão, Tobias, 2019).

Os opioides são frequentemente prescritos para o manejo da dor moderada a severa, especialmente quando outras terapias não proporcionam alívio adequado (Silva, Mendanha, Gomes, 2020). Embora sejam altamente eficazes no alívio da dor, os opioides vêm com um risco significativo de dependência, tolerância e outros efeitos colaterais, como constipação e depressão respiratória. A prescrição de opioides deve ser cuidadosamente avaliada e monitorada, com doses ajustadas conforme necessário para equilibrar o alívio da dor e minimizar os riscos. A implementação de contratos de tratamento e a revisão regular do plano terapêutico são práticas recomendadas para garantir o uso seguro e eficaz dos opioides (Leal, 2020).

Além dos analgésicos tradicionais, medicamentos adjuvantes, como antidepressivos e anticonvulsivantes, são frequentemente utilizados no manejo da dor neuropática. Esses medicamentos, embora não sejam analgésicos clássicos, têm mostrado eficácia em reduzir certos tipos de dor crônica ao modular os sinais de dor no sistema nervoso central (Vilela, Mathias, 2023). Por exemplo, antidepressivos tricíclicos e inibidores da recaptção de serotonina e noradrenalina (IRSN) podem ser particularmente úteis na dor neuropática, enquanto anticonvulsivantes como a gabapentina e a pregabalina são eficazes no tratamento da neuralgia pós-herpética e outras condições neuropáticas (Aragão, Tobias, 2019).

Cada paciente apresenta uma resposta única aos medicamentos, influenciada por fatores genéticos, comorbidades, e interações medicamentosas (Leal, 2020). A farmacogenômica, que estuda como os genes de um indivíduo afetam sua resposta a medicamentos, está se tornando uma ferramenta valiosa na personalização da terapia da dor (De Santana, Da Silva Conceição, De Oliveira, 2022). Utilizar testes genéticos pode ajudar os profissionais de saúde a escolher os medicamentos mais eficazes e seguros para cada paciente, reduzindo o tempo de experimentação e erro e melhorando os resultados clínicos.

Já nas abordagens não-farmacológicas para o manejo da dor estão ganhando reconhecimento crescente na medicina contemporânea, especialmente no contexto de cuidados de saúde integrativos (Bezerra *et al.*, 2019). Estas abordagens enfatizam a conexão entre mente e corpo, oferecendo uma alternativa ou complemento às terapias farmacológicas tradicionais. Ao abordar a dor de forma

holística, estas técnicas visam não apenas reduzir a percepção da dor, mas também melhorar o bem-estar geral dos pacientes, abordando aspectos emocionais, psicológicos e físicos (De Oliveira Barros *et al.*, 2023).

As terapias físicas, como a fisioterapia e a acupuntura, também desempenham um papel importante no manejo não-farmacológico da dor (Santos, Dos Santos Nascimento, Alves, 2022). A fisioterapia envolve exercícios e técnicas manuais que melhoram a mobilidade, fortalecem os músculos e reduzem a dor. A acupuntura, uma prática tradicional chinesa, utiliza a inserção de agulhas finas em pontos específicos do corpo para aliviar a dor e promover a cura. Ambos podem ser métodos a complementar no tratamento do paciente que lida com a dor, proporcionando alívio junto com os efeitos dos medicamentos.

Além disso, técnicas de relaxamento, como o yoga e a respiração profunda, podem complementar outras abordagens de manejo da dor. O yoga combina posturas físicas, técnicas de respiração e meditação para melhorar a flexibilidade, a força e o equilíbrio, enquanto reduz o estresse e a dor (Barcellos *et al.*, 2024).

As abordagens não-farmacológicas podem ser uma aliada ao tratamento farmacológico no manejo da dor oferecendo uma ampla gama de opções que podem ser integradas aos cuidados médicos tradicionais (Santos, Dos Santos Nascimento, Alves, 2022). Ao focar na conexão mente-corpo, estas técnicas proporcionam um alívio abrangente e sustentável da dor, melhorando a qualidade de vida dos pacientes. A integração dessas abordagens no plano de tratamento promove uma visão holística da saúde, onde o bem-estar físico, emocional e social são igualmente valorizados e atendidos.

DISCUSSÃO

A gestão da dor em pacientes com doenças crônicas representa um desafio significativo para os profissionais de saúde, especialmente para os enfermeiros, que desempenham um papel crucial nesse processo (Caneiro, 2024). Para Dos Santos Kanematsu *et al.*, (2022) dor crônica, diferentemente da dor aguda, persiste além do período normal de cura e pode ser extremamente debilitante, afetando a qualidade de vida e o bem-estar emocional dos pacientes. Diante desse cenário, as estratégias de enfermagem precisam ser abrangentes e holísticas, englobando tanto abordagens farmacológicas quanto não-farmacológicas para o manejo da dor (Teles *et al.*, 2022).

Para Carneiro (2024) uma das principais responsabilidades dos enfermeiros é a avaliação contínua da dor. Utilizar ferramentas de avaliação padronizadas, como escalas numéricas de dor, questionários multidimensionais e diários de dor, permite uma compreensão mais precisa da

experiência do paciente (Lopes, 2021). Esta avaliação deve ser feita de forma regular e documentada cuidadosamente para monitorar a eficácia das intervenções e ajustar os planos de tratamento conforme necessário (Silva, 2021). A habilidade de avaliar a dor de forma eficaz é fundamental para identificar as intervenções mais adequadas e proporcionar um alívio significativo aos pacientes.

As intervenções farmacológicas são um componente essencial no manejo da dor crônica (Guerini, Oliveira, Reis, 2022). Os enfermeiros são responsáveis pela administração correta de analgésicos, que podem variar de medicamentos não opioides a opioides e adjuvantes (Aragão, Tobias, 2019). A administração de medicamentos exige um conhecimento profundo sobre as dosagens apropriadas, interações medicamentosas e potenciais efeitos colaterais. Além disso, os enfermeiros devem educar os pacientes sobre o uso adequado dos medicamentos, enfatizando a importância da adesão ao regime prescrito para alcançar o alívio máximo da dor.

Segundo Guerini, Oliveira, Reis, (2022) além das intervenções farmacológicas, as abordagens não-farmacológicas são fundamentais para um manejo eficaz da dor crônica. Técnicas como a meditação, acupuntura, fisioterapia e exercícios de relaxamento têm mostrado benefícios significativos. Os enfermeiros podem integrar essas técnicas nos planos de cuidado, ensinando os pacientes a utilizá-las de forma independente (Santos, Dos Santos Nascimento, Alves, 2022).

A educação do paciente é outro aspecto crítico das estratégias de enfermagem para o manejo da dor crônica (Aguiar *et al.*, 2021). Informar os pacientes sobre a natureza de sua condição, opções de tratamento e técnicas de autocuidado motiva-os a participarem ativamente em seu próprio cuidado. Para (Miotto *et al.*, 2022) afirma que além disso, fornece suporte emocional e psicológico é vital, pois a dor crônica frequentemente está associada a sentimentos de desesperança e depressão. Os enfermeiros podem desempenhar um papel de apoio, oferecendo conselhos, encorajamento e, quando necessário, encaminhando os pacientes para serviços de saúde mental.

De acordo com (Do Nascimento, Do Nascimento, 2020) A importância da abordagem multidisciplinar no manejo da dor crônica não pode ser subestimada. Os enfermeiros devem colaborar estreitamente com médicos, fisioterapeutas, psicólogos e outros profissionais de saúde para desenvolver e implementar planos de cuidado integrados. Esta colaboração garante que todas as dimensões da dor do paciente sejam abordadas de maneira coordenada e eficaz (Hahn, Cordeiro, 2020). A comunicação aberta e a troca de informações entre os membros da equipe de saúde são essenciais para proporcionar um cuidado de alta qualidade e centrado no paciente.

O manejo da dor em pacientes com doenças crônicas é complexo e multifacetado, exigindo uma combinação de avaliação precisa, intervenções farmacológicas e não-farmacológicas, educação

do paciente e trabalho em equipe (Ratto, 2019). Os enfermeiros estão na linha de frente desse processo, desempenhando um papel vital na melhoria da qualidade de vida dos pacientes que sofrem de dor crônica. Através de uma abordagem holística e integrada, é possível alcançar um manejo da dor mais eficaz e uma vida mais plena para esses pacientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O manejo da dor em pacientes com doenças crônicas é essencial para proporcionar um cuidado eficaz e humanizado. Considerando a complexidade da dor crônica, que não se limita a aspectos físicos, mas também incluem dimensões emocionais e sociais, é fundamental que os enfermeiros adotem uma abordagem holística. A integração de intervenções farmacológicas com métodos não-farmacológicos, como técnicas de relaxamento e suporte psicológico, permite um manejo mais abrangente e adaptado às necessidades individuais dos pacientes. Essa abordagem não só melhora o alívio da dor, mas também promove um aumento na qualidade de vida e no bem-estar geral dos pacientes.

A avaliação contínua da dor desempenha um papel central na eficácia do manejo da dor. Ferramentas de avaliação, como escalas numéricas e questionários multidimensionais, fornecem dados valiosos que orientam as decisões de tratamento e permitem ajustes conforme necessário. O monitoramento regular e detalhado da dor permite que os enfermeiros ajustem as estratégias de manejo, assegurando que os pacientes recebam o cuidado mais apropriado e eficaz. A documentação cuidadosa das avaliações também facilita a comunicação entre os membros da equipe de saúde e contribui para um plano de tratamento coeso e bem coordenado.

A educação e o suporte ao paciente são componentes igualmente críticos das estratégias de enfermagem. Capacitar os pacientes com informações sobre sua condição e opções de tratamento não apenas melhora a adesão ao plano terapêutico, mas também permite que os pacientes assumam um papel ativo em seu cuidado. A promoção de técnicas de autocuidado e a oferta de suporte emocional são fundamentais para ajudar os pacientes a enfrentar os desafios da dor crônica e a manter um estado de bem-estar positivo. Além disso, a colaboração com outras disciplinas e o trabalho em equipe garantem uma abordagem integrada e eficaz ao tratamento da dor.

Em conclusão, o manejo da dor em pacientes com doenças crônicas requer uma abordagem multifacetada e adaptativa. Os enfermeiros desempenham um papel crucial na implementação dessas estratégias, utilizando uma combinação de técnicas farmacológicas e não-farmacológicas, realizando avaliações contínuas e oferecendo educação e suporte. Através de um cuidado centrado no paciente e de uma colaboração estreita com outros profissionais de saúde, é possível alcançar um

manejo da dor mais eficaz e uma melhoria significativa na qualidade de vida dos pacientes. O compromisso contínuo com a excelência na prática de enfermagem é fundamental para enfrentar os desafios complexos da dor crônica e oferecer um cuidado de alta qualidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Giselle Nascimento de. Avaliação do desempenho cognitivo de cuidadores de idosos com dor. 2019.

ARAGÃO, Fábio Farias de; TOBIAS, Alexandro Ferraz. Tratamento farmacológico da dor na gestante. **BrJP**, v. 2, p. 374-380, 2019.

BARCELLOS, Carolina Milhim et al. Efeitos do exercício físico na dor em universitários: revisão integrativa da literatura. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, v. 17, n. 1, p. 2470-2482, 2024.

BEZERRA COSTA, Izabelle et al. TERAPIAS NÃO-FARMACOLÓGICAS PARA O MANEJO DA DOR EM VITIMA DE QUEIMADURAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. **Revista Inspirar Movimento & Saude**, v. 19, n. 2, 2019.

CARNEIRO, Micaelle de Sousa. A dor vivenciada pelos pacientes oncológicos em terminalidade e atuação dos profissionais de enfermagem mediante o alívio da mesma. 2024.

DA SILVA OLIVEIRA, Daniele Senhorinha; DE ARAUJO ROQUE, Vanessa; DOS SANTOS MAIA, Luiz Faustino. A dor do paciente oncológico: as principais escalas de mensuração. **Revista Recien-Revista Científica de Enfermagem**, v. 9, n. 26, p. 40-59, 2019.

DE OLIVEIRA BARROS, Sara et al. Manejo Clínico da Fibromialgia: Terapias Farmacológicas e Não Farmacológicas para Alívio dos Sintomas. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 5, p. 5665-5680, 2023.

DE PAULA PRUDENTE, Marcella et al. Tratamento da dor crônica na atenção primária à saúde. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 49945-49962, 2020.

DE SANTANA, Thainã Domingos Ferreira; DA SILVA CONCEIÇÃO, Vanessa Emanuela; DE OLIVEIRA, Fabio Henrique Portella Correa. FUNDAMENTOS E APLICAÇÕES DA FARMACOGENÔMICA NO TRATAMENTO DE DOENÇAS. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 3, n. 7, p. e371652-e371652, 2022.

DO NASCIMENTO, Daiane Bispo; DO NASCIMENTO, Ellany Gurgel Cosme. Vivendo com a dor crônica: um artigo de revisão. **Revista da Saúde da AJES**, v. 6, n. 12, 2020.

DOS SANTOS KANEMATSU, Jaqueline et al. Impacto da dor na qualidade de vida do paciente com dor crônica. **Revista De Medicina**, v. 101, n. 3, 2022.

GUERINI, Mariana Marcotti; OLIVEIRA, Carla Resende Vaz; REIS, Bruno Cezario Costa. Tratamento da dor crônica no paciente oncológico: uma revisão de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 4, p. e9885-e9885, 2022.

HAHN, Fernanda Westphal; CORDEIRO, Franciele Roberta. Estratégias para o desenvolvimento de educação em saúde sobre dor no hospital. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, p. e25210313297-e25210313297, 2021.

HORA, Tássia Catiúscia Nascimento Silva da; ALVES, Iura Gonzalez Nogueira. Escalas para a avaliação da dor na unidade de terapia intensiva. Revisão sistemática. **BrJP**, v. 3, p. 263-274, 2020.

LEAL, Rafeael. Uso indevido e dependência de opioides: da prevenção ao tratamento. **Revista de Medicina de família e Saúde mental**, v. 2, n. 1, 2020.

LOPES, Fernanda. A enfermagem frente a identificação e manejo da dor em pacientes terminais na terapia intensiva. 2021.

MIOTTO, Luiz Paulo et al. Dor crônica, ansiedade e sintomas depressivos em estudantes de Enfermagem em tempos de pandemia. **Escola Anna Nery**, v. 26, n. spe, p. e20210351, 2022.

PEREZ, Thaiana Kaira Hildebrando et al. ESTRATÉGIAS DE ENFERMAGEM PARA O CUIDADO PALIATIVO EM PACIENTES TERMINAIS COM CÂNCER. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 4, p. 541-551, 2024.

RATTO, Camila Santejo Silveira. Escalas de avaliação de dor utilizadas em oncologia: revisão sistemática. **Ph. D. Thesis**, 2019.

REBELO FIGUEIRA, Alexandra Isabel; AMARAL, Guida Maria Marques da Silva; CARMO, Tânia Isabel Gomes do. A avaliação e registo da dor no serviço de urgência: um estudo transversal. **Enfermería: Cuidados Humanizados**, v. 11, n. 1, 2022.

RIBEIRO, Emanuelle Castro. Estratégias de enfrentamento da dor crônica de pacientes com diabetes mellitus atendidos na atenção básica. 2022.

SAMPAIO, Adriana Corrêa et al. Avaliação da dor em crianças submetidas ao transplante de células-tronco hematopoéticas. 2019.

SILVA, Ana Teresa Santos. **Comunicar a Dor: Contributos do design de interação na avaliação da dor em Unidade de Cuidados Paliativos**. 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa (Portugal).

SILVA, Ledismar José da; MENDANHA, Diego Machado; GOMES, Patrícia Pádua. O uso de opioides no tratamento da dor oncológica em idosos. **BrJP**, v. 3, p. 63-72, 2020.

TELES, Letícia da Silva Vieira et al. A INCLUSÃO DE TERAPIAS NÃO-FARMACOLÓGICAS NO TRATAMENTO DE DOR NEUROPÁTICA. **Revista Liberum accessum**, v. 14, n. 2, p. 1-10, 2022.

VILELA, Gabriela Oliveira; MATHIAS, Andressa. DOR DO MEMBRO FANTASMA: MECANISMOS NEUROFISIOLÓGICOS E TRATAMENTO FARMACOLÓGICO. **Anais da Semana Universitária e Encontro de Iniciação Científica (ISSN: 2316-8226)**, v. 1, n. 1, 2023.